

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Forasteiros: experiências de migrantes no contexto de uma cidade industrial

Rejane Silva Penna*

Resumo: O processo migratório nacional foi amplamente estudado por sociólogos, antropólogos e estatísticos, a partir de 1960. Entretanto foram insuficientemente abordados os modos como transferiram-se os usos e costumes dos lugares de origem ao de destino e a maneira pela qual as pessoas interpretaram sua inserção no contexto da cidade maior. Buscando auxiliar no preenchimento desta lacuna, o presente trabalho analisou a experiência de migrantes interurbanos, em situação de extrema pobreza na nova comunidade, utilizando a abordagem da história oral e história local, explicando como se compreende a triangulação narrativa, memória e quadro cultural. A metodologia possibilitou interpretar os depoimentos no sentido de que mais do que articular novas formas de pensar suas vivências para enfrentar o desafio de um meio urbano maior e diverso, os migrantes recorreram aos elementos presentes em sua cultura de origem como estratégia de sobrevivência.

Palavras-Chave: migrações; representações; metodologia

Abstract: The national migratory process widely was studied by sociologists, anthropologists and statisticians, from 1960. However the ways had been insufficiently boarded as to the uses and customs of the origin places had moved to the one of destination and the way for which the people had interpreted its insertion in the context of the city biggest. Searching to assist in the fulfilling of this gap, the present work analyzed the experience of migrants interurban calls, in situation of extreme poverty in the new community, using the boarding of oral history and local history, explaining as if it understands the triangulation narrative, memory and cultural picture. The methodology made possible to interpret the depositions in the direction of that more than what to articulate new forms to think its experiences to face the challenge of a bigger and diverse urban way, the migrants had appealed to the elements gifts in its culture of origin as survival strategy.

Key-Words: migration; representation; methodology

1. Introdução

* Doutora em História. Professora do Centro Universitário La Salle e Historiógrafa do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

As inúmeras discussões e debates sobre a questão da identidade dão mostras de esgotar o interesse das pessoas que estão atentas às trajetórias sociais e seus desdobramentos.

Ainda assim, o tema continua a ser debatido, talvez porque, conforme observou WOODWARD (2000), os processos de identificação constituam-se em elementos centrais na compreensão das mudanças sociais, tanto na arena global, em que existem preocupações com as identidades nacionais e étnicas; como em um contexto mais local, vinculados à identidade pessoal e suas relações. Em ambos os casos concretizam-se na pergunta ancestral, repetida pelos homens em todos os tempos e lugares, independente da questão de existir ou não uma natureza humana – quem eu sou?

A pergunta não ocorre no vazio, mas em uma sociedade onde a ordem social é mantida por meio de oposições binárias, tais como a divisão entre “locais” (insiders) e “forasteiros” (outsiders). Mas não é necessária a transgressão no sentido tradicional de quebra das normas vigentes para alguém ser classificado como “forasteiro”, pois a produção deste tipo de identidade tem como referência a identidade do habitante do local. Logo, aquele que chega sempre será, em maior ou menor escala, por um tempo curto ou para sempre, um “forasteiro”, caso não se permita ou não lhe seja permitido ter com os habitantes locais práticas simbólicas compartilhadas. Como será que um “forasteiro” compreende sua inserção em um novo lugar e o que leva alguém a se perpetuar nessa condição ou a ser acolhido no novo meio?

Acompanha-se os passos de LAÍS CARDIA (1998) que analisou a inserção migrantes pobres em novos meios urbanos dentro da dinâmica de reprodução do sistema capitalista, o qual determina o surgimento de uma expressiva mão-de-obra desqualificada para o mercado de trabalho e que só encontra ocupação em atividades de baixa renda e pouco prestígio. Valores e papéis sociais são reordenados no interior desses grupos e, conseqüentemente, novos arranjos que lhes permitem (re)definir a sua identidade, numa luta diária para que possam se integrar à realidade que se impõem. Essas estratégias referem-se a uma permanente busca para alcançar meios de sobreviver a um cotidiano que tem que estar, sempre, sendo reinventado.

Para trabalhar esta problemática, escolheu-se um tipo específico de experiência: a chegada de migrantes muito pobres para um meio urbano maior, a cidade de Canoas, que se estende por 131,1 km na região leste da Depressão Central do Estado do Rio Grande do Sul. Atualmente, pela divisão mais freqüente, situa-se na macrorregião nordeste, que concentra a industrialização e os maiores aglomerados urbanos, configurando-se como uma rede bem

estruturada no eixo Porto Alegre-Caxias do Sul e em algumas áreas adjacentes (KLARMANN, 2002) As diversas legislações regradoras do espaço urbano também empurraram a população pobre para as periferias, auxiliando, junto com a instalação de indústrias, a constituição da chamada “Grande Porto Alegre”. (PENNA, GAYESKI e CORBELLINI, 1997).

Esse espaço permeado de conflitos proporciona a problematização de saber como as pessoas percebem a dinâmica do seu exílio e acomodação em um novo lugar, muitas vezes cultivando lendas, paisagens, supostos tempos felizes de uma idade do ouro que talvez nunca tenha existido, mas que auxiliam a lidar com a fragmentação do presente.

2. As migrações e a história local como recurso analítico para compreender processos amplos

No Brasil de hoje o modelo dos deslocamentos humanos em grandes fluxos e a grandes distâncias parece acabado como dominância. Especialistas apontam para a situação de "migrações de curta distância", predominantemente intra-regionais; podendo ser sazonais em áreas de modernização agrícola ou inter-municipais em áreas de maior urbanização, remetendo a um estudo de recorte espacial em âmbito concentrado.

Trata-se de um novo tipo de abordagem local, com a potencialidade de construir para a compreensão de determinados fenômenos, como as estratégias de reprodução social e familiar, entre outros aspectos, que foram subestimadas pelas versões macroscópicas do fenômeno migratório.

Segundo REZNIK (2005), a eleição de um local específico não implica uma simplificação do número de variantes e aspectos da trama social. O local alçado em categoria de análise pode vir a constituir uma nova densidade no quadro das interdependências entre agentes e fatores pertinentes a determinadas experiências históricas então eleitas pela lupa do historiador.

3. Carroceiros e papeleiros: a vida fora de casa

Para trabalhar esta proposta, selecionamos trechos de entrevistas realizadas entre 2003 e 2004, para o projeto “Canoas – Para lembrar quem somos”¹, que expressam como o

¹ Parceria entre o Centro Universitário La Salle e Prefeitura Municipal de Canoas, visando a pesquisar a origem e desenvolvimento dos bairros da cidade.

forasteiro narra a sua vivência na cidade, bem como a relação com os habitantes e o Poder Público. Para compreender as representações sobre os processos de inserção dos forasteiros pobres na nova cidade, recorreremos à metodologia da História Oral, com entrevistas semi-estruturadas, centrando o foco na abordagem local².

A partir do local considera-se que o espaço social é integrado pelos indivíduos que o percebem e o representam, a partir de seus quadros culturais, pressupondo, de acordo com STUART HALL (2003) que o sujeito fala sempre a partir de uma posição histórica e cultural específica. Então, todo o sistema de representações, independente do que enfoca, poderá ser associado a um quadro cultural, sendo a partir dele que adotamos determinadas posições.

Logo, as palavras e expressões mudam de sentido de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as empregam, adquirindo seu significado em referência aos quadros culturais nos quais essas posições se inscrevem.

Da hermenêutica adotou-se a problemática de saber como é possível interpretar as descrições de sentido subjetivamente intencionais, tendo em conta o fato de passarem pela subjetividade do próprio intérprete. Tomou-se como ponto de partida a metodologia descrita e aplicada por pesquisadoras na área da Educação (SZYMANSKI; ALMEIDA; PRANDINI. In: SZYMANSKI, (org.), 2002).

No caso do presente trabalho, as entrevistas foram realizadas apenas uma vez, com cada uma das pessoas, impedindo um contato duradouro que permitisse o aprofundamento da relação, mas procurou-se adotar uma postura e sentimentos conectados à reflexão de DILTHEY (apud REIS, 2003), em que compreender o outro não é submetê-lo a alguma forma de controle externo, mas estabelecer com ele uma relação de confiança recíproca, por uma escuta atenta e respeitosa das expressões da sua experiência vivida. Mas o outro, por não ser o eu, é, a princípio, intolerável, pode inspirar rejeição e repugnância, é difícil aceita-lo em sua diferença, com os seus “maus” costumes, seu cheiro estranho, sua fisionomia “feia”, a sua violência iminente (REIS, 2003, p. 388-389). Há que se transpor uma série de imagens pré-concebidas que estigmatizam pessoas de ocupações semi-marginalizadas.

Ao movimento de receio, desgosto e demais sentimentos de afastamento, cabe ao pesquisador a aproximação. Mas dificilmente o olhar do pesquisador poderá desvestir-se de

² Maiores esclarecimentos a respeito da inserção de fontes orais na historiografia local podem ser obtidos no estudo que realizei para meu doutoramento, publicado como “Fontes Orais e Historiografia: avanços e perspectivas. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

alguns elementos pré-concebidos, admitindo-se, entretanto, o reconhecimento de sua própria subjetividade no movimento de análise.

a) Como Pradinho representa sua vida na cidade:

Marcos Antônio de Oliveira, mais conhecido como Pradinho, nasceu em 1964, na cidade de Sapucaia. Solteiro, possui o 1º grau completo, exercendo a profissão de correeiro (colocação de arreios nos animais).

Pradinho costuma dizer que “administra” o local denominado Recanto da Alegria, mais conhecido como o “Pradinho”, onde, aos finais de semana os carroceiros da cidade divertem-se com a “carreira de trote”, utilizando suas carroças como charretes de corrida.

Perguntado sobre o porquê deste tipo de lazer, Pradinho explica: “(...) que carroceiro, na verdade, não tem opção por esporte. Não tem outro esporte, não tem lugar. Se faz carreira na estrada, não pode – olha lá tem uma carreira! Avisam a Brigada, não pode correr, então por isso tem o Prado”. As apostas nos cavalos valem carne, cerveja, dinheiro ou qualquer outra coisa: “mas sai por brincadeira também. Até p’ra dar risada eles faz”, afirma.

Pradinho assumiu o “negócio” quando o antigo dono faleceu e seu filho propôs que ele assumisse: “Tu me arrenda o que tem em cima e me paga uns troco... então eu disse, eu vou p’ra lá.”. A água potável e a luz ele “puxa” de ruas e chácaras próximas.

Luz e água, somente por via da informalidade “(...) com a ajuda dos chacreiros que deixaram passar a rede de luz pelos pátios deles”.

Mas ele enfatiza que sua sobrevivência depende realmente das atividades de correeiro: “eu faço tudo, eu arrumo, eu faço encilha nova, eu faço saia. Eu vim p’ra cá, mas eu tenho o meu serviço. O Prado não dá nada. Num fim de semana o senhor vende três caixas de cerveja. Na próxima não vende nenhuma. (...) Isso aqui é mais p’ra ocupar”.

b) Como Veroni e Pedro Jucelino representam sua vida na cidade:

O casal Veroni e Pedro Jucelino vivem em um local insalubre, na beira dos diques de Canoas. Veroni nasceu em 1955, na cidade de Sapucaia e tem sete filhos da primeira relação e mais quatro da atual.

Antes de comprarem uma vaga para habitar a zona do dique, moravam em Guajuviras, uma das maiores ocupações irregulares do Rio Grande do Sul, de onde saíram porque os vizinhos reclamavam da criação de animais, como porcos e cavalos – “Era ruim para quem tem carroça”.

A sobrevivência é difícil, auxiliada por uma pequena pensão que Veroni recebe da primeira relação. Aproveitam tudo do lixo: classificam os plásticos e papelões para venda e a comida para os porcos. “Dá para ir vivendo – pelo menos fome a gente não passa”.

As famílias do dique vivem cada uma por si: “Ninguém ajuda. Quem quer comer tem que ir a luta ... por que senão ...”

Mas na continuidade da entrevista descobre-se que integrantes do Poder Público visitam o local para auxiliar na retirada das famílias de um lugar tão insalubre como o dique. Veroni descreve que “têm reuniões sobre o lugar que vão arrumar p’ra gente. Vão dar morada melhor. Aqui é risco mesmo porque se enche o dique ... se facilitá enche de água aqui né? Mas vai fazê seis ano que moremo aqui e não chegou água aqui no pátio, mas tem lugar p’ra baixo que enche de água”.

Também é mencionado “um padre da igreja de Canoas. Agora não me lembro o nome. Ele também vem aqui ... conversa com a gente”.

Quanto a Pedro Jucelino da Silva Garcia, nasceu em 1967, na cidade de Cachoeira do Sul, onde cursou até a 5ª série. Trabalhava como vigilante, mas teve de parar: “porque não consegui fazer o curso, sempre apareceu uma coisa ou outra e não pude fazer. Até perdi um emprego bom por não ter condições”.

Ele veio sozinho para Canoas, no final de 1987, depois de servir no Exército, porque em sua cidade “tava difícil ... vim p’ra cá p’ra conseguir emprego melhor e não foi tão difícil arrumar emprego. Trabalhei uns meses e aí fui formando a família aqui mesmo”.

Foi morar no dique, após habitar por dez anos em Guajuviras: “Só que como eu sou do interior, eu gosto de plantar, de criar. Eu gosto do que é meu sem que as pessoas venham se meter (...) E hoje morar numa vila, morar num local perto dos vizinhos, depende dos vizinhos – eu não gosto de galinha, não gosto disso, não gosto daquilo né? Então troquei tudo lá por onde estou morando agora”.

A situação se complexifica, nem dá mais para cada um dos filhos ter uma carroça para si: “Agora terminou porque entrou um ano difícil que os bichos da gente ... não sei se foi

veneno que deram ... então terminou ... agora só temos duas carroças. Então se junta todo mundo ... um vai para um lado... outro vai para outro”.

Os materiais para serem reciclados são recolhidos principalmente em aterros, como a sucata de ferro, no bairro Mato Grande; mas a situação piora a cada dia, pois “uns seis meses antes tava dando, tinha menos carroceiros na rua, menos pessoal catando. Agora, subiu .. não é que o material subiu, mas o pessoal p’ra catá. Aumentou o desemprego”.

Também diminuíram as alternativas de complementação de renda, como a limpeza de rua, de pátios, minimizado pelo fato de que o empresário que compra o lixo selecionado adianta o dinheiro para o catador, antes da revenda.

Algo, porém, está acontecendo de diverso entre Pedro Marcelino e os dois outros entrevistados, na sua relação com a cidade. Ele está construindo um processo de identificação que o integra à comunidade, como líder na organização local de catadores de lixo, a Associação Extremo Norte do Dique. Entretanto, assemelha-se a Pradinho e Veroni ao mencionar o auxílio de um vago “pessoal do centro de Canoas”, que registrou a organização, facilitando o atendimento em Postos de Saúde, por exemplo, além de sinalizar com a possibilidade de construção de um galpão para o processo de separação do lixo e até salário fixo.

As metas são simples como conseguir um lugar em que “o ônibus vai passar na frente das casas ... vamos ter casas boas, banheiro, tudo”. Quanto às escolas: “nós aqui é o maior problema, porque as crianças às vezes não podem ir a escola porque as diretoras não estão deixando as crianças entrar nas salas de aula, por causa do barro ... muito barro demais”.

E conclui: “Mas como diz o outro: se aqui a coisa tá difícil, imagina em outros locais”.

4. Por enquanto, as primeiras conclusões

O encontro com o real pode ser totalmente diverso do encontro que outros sujeitos do discurso têm, pois a língua, ao ser colocada em funcionamento pelos processos discursivos é afetada pelas condições sócio-históricas (DORNELES, 1999, p.160). E é no ponto onde se dá a injunção de língua, sujeito e história que se constitui o lugar da opacidade, do equívoco – esse é o espaço onde trabalha a interpretação. Aceita-se que os objetos se constituem em função do

conhecimento humano e que a história não narra o real, mas uma realidade constituída pela/na trama da discursividade.

Dentro dessa perspectiva, analisa-se que Veroni vive em uma espécie letargia social, com uma percepção de abandono, paralela à noção muito vaga de que existem pessoas que a ajudam, sem nome e rostos e, principalmente, não contando com elas como essenciais à sua sobrevivência e de seus familiares.

Vive o dia-a-dia, aparentemente sem planos futuros e esperanças, recriando na zona insalubre do dique um quadro ruralizado, integrado por animais domésticos, em uma tentativa de trazer o cotidiano das localidades do interior – onde o rural e o urbano misturam-se - para uma cidade da região metropolitana. Bichos, lixos, filhos, todos entrelaçados em uma existência precária, difícil e desesperançada.

O migrante Pradinho vê-se como um sujeito que, desamparado pelo poder público na cidade para onde se deslocou, estabelece contratos informais para trabalhar, utilizando-se de diversos expedientes visando a estabelecer uma infra-estrutura mínima.

No seu depoimento percebe-se o ressentimento sobre como os carroceiros são vistos pela sociedade, mencionando um suposto excessivo controle da segurança pública em relação a meras diversões como corrida de carroças.

A necessidade de deixar de ser forasteiro e integrar-se na nova comunidade transparece na ênfase colocada na sua “real” profissão, a de correeiro, que, mesmo humilde, parece-lhe socialmente mais aceitável do que o “não trabalho” de administrador do “Pradinho”.

Por fim, Pedro Jucelino ancora-se em uma realidade que o liga cada vez mais a nova cidade, pois, não sabe bem como, constituiu-se em uma liderança local e isso tocou e transformou a sua postura de forasteiro para a de homem que visualiza os problemas em um nível que ultrapassa a simples individualidade na luta pelo dia a dia. Ele planeja, pretende, reivindica e tem possibilidades de identificar as solidariedades que encontra na nova cidade, para além de um vago “tem alguém que ajuda”, ainda presente no seu discurso.

Nas representações contidas nos discursos, verifica-se que os forasteiros em situação de pobreza vivem e percebem sua vivência em alguns aspectos de forma semelhante, caso da relação com o Estado e aqueles que o representam. Tudo falta: desde o preparo e qualificação para o exercício de funções mais complexas, até o domínio dos novos códigos culturais urbanos,

impedindo-os de participar do processo de mobilidade ocupacional, frustrando suas aspirações de ascensão social.

Suas reações a uma sociedade, de certa forma estranha e hostil vão, desde uma indiferença construída, até uma incipiente, mas gradativa postura propositiva, possivelmente uma das únicas formas possíveis de ultrapassar o mundo anterior e efetivamente integrar-se na nova comunidade, transformando a roupagem de forasteiro para a de novo cidadão.

Referências Bibliográficas

- CARDIA, LAIS. Famílias migrantes: reordenamento e arranjo urbano. Política e Trabalho 14 - Setembro / 1998. Colocar nº do endereço eletrônico. Acessado em 27.04.2007
- DORNELES, Elizabeth Fontoura. O discurso do MST: um acontecimento na estrutura agrária brasileira. In: INDURSKY, Freda e FERREIRA, M. Cristina (org.). Os múltiplos territórios da análise de discurso. Porto Alegre. Ed. Sagra Luzzato, 1999.
- HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado histórico. In: SOVIK, Liv (org.). Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003
- KLARMANN, Herbert. Regionalização e planejamento: reflexões metodológicas e gerenciais sobre a experiência gaúcha. Ensaio FEE. Porto Alegre, v.23, número especial, 2002
- NEVES, Gervásio; MIRANDA, Luiz Gonçalves; CORBETTA, Elizabeth. (org.). Atlas Social da Região Metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre: Metroplan, 2003
- PENNA, Rejane, Gayeski, Miguel e Corbellini, Darnis. Estância Velha. Canoas - para lembrar quem somos. Canoas: Canoas Tecnocópias Gráfica e Editora, 1997
- PENNA, Rejane. Fontes orais e historiografia – avanços e perspectivas. Porto Alegre. Edipucrs, 2004.
- REIS, José Carlos. Dilthey: para uma revolução moral e intelectual. In: LOPES, Marcos Antônio (org.) Grandes nomes da História Intelectual. São Paulo: Contexto, 2003
- REZNIK, Luiz. Texto de apresentação na coordenação do Simpósio História Local. XXIII Encontro Nacional de História, julho/2005. ANPUH,
- SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda; PRANDINI, Regina. Perspectiva para análise de entrevistas. In: SZYMANSKI, Heloisa (org.). A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Plano Editora
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. RJ/Petrópolis: Vozes, 2000.